



Última sessão DO BRILHANTE CINEASTA

FAMILIARES, AMIGOS E COLEGAS SE DESPEDEM DE **VLADIMIR CARVALHO** EM CERIMÔNIA NO CINE BRASÍLIA — UM DOS ESPAÇOS FAVORITOS DO GIGANTE DA SÉTIMA ARTE BRASILEIRA

» RICARDO DAEHN

A Ala dos Pioneiros, no Campo da Esperança, acolheu ontem um dos intelectuais que mais vivenciou a cultura da capital. Vladimir Carvalho, um dos seus mais ilustres habitantes, encerrou o ciclo de quase nove décadas, morto aos 89 anos, na quinta-feira, em decorrência de complicações por infarto. Com direito a letreiro luminoso que anuncia a exibição do dia, o velório do cineasta, realizado ontem, preencheu o saguão do Cine Brasília (EQS 106/107) de saudade.

Em um casamento que perdurou 58 anos, a viúva de Vladimir, Maria do Socorro, trouxe a síntese da bondade, sempre exaltada por todos que com ele conviveram: “Eu tenho muito a que agradecer a Vladimir, por estes anos todos de casamento. Foram muitas as batalhas, e passamos momentos difíceis, mas eu agradeço, de coração, pela minha vida com ele. Já Vladimir, no trabalho que realizou, deu um presente para esta cidade. Houve todo o esforço dele, porque ele amava Brasília. Tivemos espaços vazios (na relação), mas, ultimamente, nós nos reencontramos, e graças a Deus, isso foi algo importantíssimo, para mim, e tenho certeza de que para ele”.

“Ele que me colocou nesse mundo de cineasta e, conseqüentemente, meus filhos também entraram”, disse ao **Correio**, com a voz embargada, Walter Carvalho. “Viramos uma família de gente de cinema. A melhor coisa que posso falar do meu irmão é que ele me ensinou tudo o que eu sei”, acrescentou, ao lado do filho, o diretor de televisão Lucas Carvalho. “Vladimir é o maior documentarista da história do cinema brasileiro, com legado dos filmes, e, para a nossa família, ficou uma pessoa que sempre tinha uma mensagem positiva; nunca ouvi ele reclamar das coisas — trazia uma vibração de simplicidade e alegria”, declarou o sobrinho.

Às de espadas

Presente nas homenagens, o autor de trilhas de cinema Patrick de Jongh definiu o legado da amizade. “Carinhoso, afetuoso e agregador, se Vladimir fosse definido em uma palavra, seria ‘exemplo’. Ele esteve na fundação de entidades locais do audiovisual, conhecia os cineastas de todas as gerações, e sabia o que cada um produzia. Vladimir tinha vivacidade e liderança política, nisso conquistou um enorme respeito. Ele era nosso ás de espadas para resolver coisas — na nossa cabeça, ele é eterno”. A esposa de Patrick, a cineasta Cibele Amaral, considerou: “Vladimir aceitava encampar mobilizações no Ministério da Cultura, na Secretaria de Cultura do DF, e no que o audiovisual precisasse. Conectado com o tempo, mantinha a mente jovem, e tinha garra para fazer a cultura prosperar”.

Para se ter uma medida de Vladimir, é possível notar do apreço que teve com o colega de ofício Glauber Rocha. Escritos, rolos de filme

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Local do velório, o Cine Brasília foi palco das histórias contadas pelas lentes e pela alma sensível de Vladimir Carvalho



Lucas e Walter Carvalho, sobrinho e irmão de Vladimir. “Legado”



“Presente de amor a Brasília”, afirma a viúva, Maria do Socorro

e desenhos de Glauber foram preservados por Vladimir, que propiciou, em parte, o trânsito do acervo do mais efusivo cineasta do Cinema Novo para a Cinemateca Brasileira. “Em 30 de janeiro, Vladimir comemorou 89 anos aqui no Cine Brasília. Já estava em andamento uma grande mostra retrospectiva com a obra dele. Estávamos no esforço de prospectar as cópias, os direitos autorais, e as matrizes para o evento. Celebrando a vida dele — manteremos isso com maior felicidade, honradez e emoção. Vladimir gostaria que acontecesse”, adiantou ao **Correio** a neta

de Glauber e da atriz Helena Ignez, Sara Rocha.

Diretora geral do Cine Brasília e do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Sara esteve no velório. “É muito tocante para mim. Vim com a Dona Lucia (mãe de Glauber) para o festival, ainda como estagiária do Canal Brasil, e levei as fitas Beta do Vladimir Carvalho para passar pela primeira vez na televisão. Depois, na primeira etapa da gestão no Cine Brasília, tivemos a honra de programar *O país de São Saruê* por uma semana no Cine Brasília”, observou.

Uma aliança entre Glauber e

Vladimir se distende no tempo. Profissionais muito amigos, ficaram muito próximos quando Glauber veio criar em Brasília *A idade da Terra*, em fins dos 1970. “Glauber e Vladimir tinham respeito e intimidade. Levei minha filha ao Cinememória, ao final do ano passado, e ele mostrou para ela, que está com 11 anos, a moviola em que o bisavô (dela) tinha montado um filme, além de cartazes. Glauber e Vladimir tinham trocas intelectuais, artísticas e de linguagem”, lembrou Sara. Ela conta que Vladimir era uma figura que o avô considerava muito. E Vladimir ajudou muito Dona Lucia no processo de pesquisa e prospecção do acervo (do Glauber) que estava espalhado em várias partes do Brasil e do mundo — que culminaram no material fílmico e documental do Tempo Glauber (projeto que reestruturou a obra do autor de *Deus e o diabo na terra do sol* e *Terra em transe*).

“Acalentamos um grande projeto de restauro dos filmes do Vladimir, a partir do conhecimento de Paloma Rocha (responsável pelo *Tempo Glauber*), com passinhos, na expectativa de que tivesse mais tempo para acontecer. Vladimir foi uma fonte de pesquisa para entender arqueologia e o método de georreferenciamento da obra do Glauber”, pontuou Sara. Ela sonha em dar o mesmo tratamento a Vladimir de grande cineasta do cinema mundial e nacional, a exemplo de Glauber. “Como pioneiro, merece igual deferência e investimento de preservação e disponibilização, pois via o cinema como ferramenta de formação de novas gerações de seres humanos, trazendo conteúdo de construção de identidade e de soberania nacional”, definiu.

Solidez

Por mais de 50 anos, amigo de Vladimir, o antigo programador do Cine Brasília e da Cultura Inglesa José Damata lembrou das qualidades de Vladimir. “Organizamos os dois primeiros festivais do Filme Brasiliense



Confira o vídeo produzido pela equipe do **Correio**

da cidade. Vladimir era o esteio, na linha de frente, peitando o que precisasse. Se metia em brigas históricas como a de liberar *O país de São Saruê* da censura, por mais de oito anos. Nunca se rendeu, e recebia ‘a primeira bala’, se precisasse”, distinguiu.

Damata ainda ressaltou que Vladimir foi homem de filmografia brilhante, “impecável, cheia de conteúdos nacionais”.

Se esquadrinhou os bastidores da dissolução do espírito inicial da UnB, em *Barra 68* — *Sem perder a ternura*, freado pela truculência, Vladimir não deixou barato, enquanto professor e ativista. Quem conta a ação “subversiva” do mestre é a cineasta Lilye Boubli, ex-aluna e amiga de Vladimir, por mais de 40 anos. “Com o curso de cinema fechado, e a ditadura a pino, Vladimir, num conluio com o projectionista de 16mm, com os alunos trancados a sete chaves, exibiu em sala o sumo do cinema russo, com filmes de Dziga Vertov e Eisenstein. A gente, de bico calado, vendo as coisas mais revolucionárias, em plena ditadura”, rememorou.

Dos corredores da UnB, ainda brotou a amizade com o “Chiquinho da Livraria”, que, no saguão, ressaltou “a pessoa tão importante do Vladimir, na vida e na universidade”. “Ele me ajudou muito, e gostava dos livros”, ao que emendou, emocionado: “Ele foi importante para a minha vida, meu coração e minha memória”. Sem tanta convivência o confrade na Academia Brasileira de Letras Arnaldo Godoy destacou as qualidades observadas em curto espaço na entidade. “Era uma figura diferente: superior, ele transcendia a todos nós, e falava com elegância, além de escrever com uma clareza e objetividade e senso de justiça que nunca vi igual. Marca uma grande perda. Vladimir era multifacetado: conhecia história, geografia, sociologia e acima de tudo o ser humano — um humanista de primeira”, destacou o escritor, ex-consultor Geral da União e ainda versado em crítica literária e história do direito.